**DISCUTINDO ATIVIDADES EXPERIMENTAIS: NA FORMA DE ROTEIRO OU MISSÃO**

 **RIBEIRO, Paula Regina da Costa (orientador)**

**Schwantes, Lavínia (co- autor)**

**SILVA, Matheus Marinho da Silva (Autor)**

**theumarinho@hotmail.com**

**Evento: Seminário de extensão**

**Área do conhecimento: Educação**

**Palavras-chave** (Alunos; Roteiro; Missões)

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca relatar importância da experimentação dentro do âmbito escolar. O uso da experimentação na sala de aula é essencial para a aprendizagem dos alunos, pois é através dela que os mesmos podem melhor entender de forma prática as aulas ditas conteudistas.

Sabendo que alguns professores são suscetíveis a sistemáticos processos de reconstrução metodológica, valorizamos o uso da experimentação, tentando mostrar outras formas de ensino. Com base nesses aspectos importantes, foi então feita uma pesquisa através de questionários, distribuídos durante o curso realizado com os alunos da 8ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profº Manoel Martins Mano, que foi desenvolvido pelo projeto *Experimente: atividades experimentais na Educação Básica,*que é desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação em Ciências (GEPEC), da Universidade Federal do Rio Grande, com a temática do corpo humano.

2 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

No curso trazemos uma breve introdução sobre ciências, uma parte teórica para dar um embasamento melhor nas atividades futuras. Essas atividades são feitas de forma prática e de duas formas, a primeira é através de roteiros já prontos, formulados pelo GEPEC, e a segunda é através de situações problemas, intituladas pelo grupo de “missões”. As missões são roteiros modificados, que se tornaram histórias contextualizadas. Já o roteiro é o que conhecemos, ele aparece em tópicos e vêm discriminado os procedimentos, matérias e métodos a serem utilizados.

O questionário foi elaborado visando avaliar o curso e também para saber a opinião dos participantes em relação às vantagens e as desvantagens do curso, para que possivelmente outras propostas possam ser desenvolvidas na realização de novos cursos. Foram elaboradas cinco questões, três relacionadas a proposta dos roteiros e missões e duas questões relacionadas ao desenvolvimento e organização do curso. As questões eram em sua maioria dissertativas e apenas uma de assinalar, mas essa também deveria ser justificada. Com base na questão de assinalar foi verificado qual a melhor forma de abordar um experimento em sala de aula seja ele em forma de roteiro ou em forma de missão.

**3 RESULTADOS e DISCUSSÃO**

Dos 14 questionários devolvidos, 11 afirmaram que trabalhar um experimento em forma de missão é a melhor forma, já que os mesmos justificam que com essa nova metodologia os alunos podem testar, tentar e se não der certo podem refazer o mesmo experimento utilizando outros materiais. Sendo assim preferem descobrir coisas novas, não somente reproduzir o que já está pronto quando se utiliza um roteiro. Os outros três questionários restantes justificam ser roteiro a melhor forma de se abordar um experimento em sala de aula, pois são mais rápidos e práticos e supostamente sabem que irá dar certo. Outro ponto é que requer menor tempo para ser feito, sendo assim os alunos podem fazer mais experimentos em forma de roteiro do que na forma de missão.

Segundo FAGUNDES, (2007, p.324) “para mudar o pensamento usual sobre experimentação, o professor precisa antes de mais nada pensar em seus objetivos. Refletir sobre que aluno ele quer formar, e se quer apenas demonstrar o que está escrito nos livros ou desenvolver no educando habilidades de investigação, leitura, escrita, sociabilidade, enfim, um ser pensante e atuante diante os problemas que possa vir a enfrentar.”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

 Com a pesquisa podemos perceber as vantagens e desvantagens de se abordar um experimento em sala de aula, com base nas afirmações dos alunos. As missões neste caso foram às favoritas. Como os mesmos afirmam: preferem testar e experimentar coisas novas, mas o tempo é um fator que não ajuda muito na realização de tais experimentos, já na forma de roteiro o tempo é maior e afirmam conseguir realizar mais experimentos já que temos tudo pronto. Com base nesses dados o grupo pretende continuar testando as missões para que nos próximos cursos sejam utilizadas outras formas de ensino.

REFERÊNCIAS

GALIAZZI, M.C. etal.(org).**Construção curricular em rede na educação em ciências:** uma aposta de pesquisa na sala de aula. Ijuí : Ed. Unijuí, 200. ISBN978-85-7429-630-2.408p.